

## **UM DIA INESQUECÍVEL PARA O CAMPUS**

Alunos e professores do campus Videira do Instituto Federal Catarinense estão em festa desde o último dia 5 de junho. Catorze equipes conseguiram superar cerca de 30 mil alunos de todo o país, de escolas públicas e privadas, e participarão da etapa final da 6ª Olimpíada Nacional em História do Brasil, que se realizará na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), nos dias 16 e 17 de agosto.

Estes 42 alunos irão representar o IFC no maior evento científico nacional na área de Ciências Humanas. Além de carimbar o passaporte para Campinas (SP), nossos alunos ainda conquistaram, antecipadamente, três brilhantes premiações na ONHB: o 1º lugar do estado de Santa Catarina, o 1º lugar da região Sul do Brasil e um lugar entre as 5 melhores equipes do país. De quebra, as equipes premiadas ganharam as passagens aéreas de ida e volta a Campinas.

Os professores de História do campus, Cristiane Fontana Grümme e Adriano Moraes Lima, se surpreenderam com o excelente resultado alcançado este ano. “Desde o início das oficinas, no mês de abril, percebemos o comprometimento e o entusiasmo dos alunos com as atividades da olimpíada. Porém, a notícia de que havíamos alcançado estas marcas nos pegou de forma inesperada”, comenta Cristiane Grümme, idealizadora das oficinas de História.

Este desempenho excepcional não surgiu como um passe de mágica. Em 2012, quando a ONHB já estava em sua quarta edição, os alunos formaram três equipes e procuraram a professora Cristiane para que os orientasse. Apesar da inexperiência do grupo com o formato da competição, chegaram até a semi-final. No ano seguinte, Cristiane e Adriano elaboraram e deram início ao projeto “Oficinas de História”. Em encontros semanais, eles apresentaram aos alunos ferramentas para problematizarem documentos de natureza variada, que vão da charge à letra de música, de textos historiográficos a obras de arte. Na 5ª edição, um pouco mais familiarizados com o grau de exigência e com a metodologia das provas, todas as equipes do campus chegaram à semi-final da olimpíada e, das nove equipes finalistas de Santa Catarina em 2013, sete foram convocadas para a fase presencial. Este ano, a família ONHB-Videira conseguiu classificar 14 das 17 equipes finalistas do Estado de Santa Catarina.

A recompensa pelo esforço do grande grupo ficou ainda mais completa quando os dois professores das oficinas receberam a notícia de que a comissão organizadora da ONHB havia-os selecionado para participarem do curso intensivo de formação ministrado por docentes da Unicamp. “Trata-se de oportunidade ímpar para o IFC o contato de seus professores com este centro de referência brasileiro em produção historiográfica e uma das maiores bibliotecas de Ciências Humanas da América Latina”, destaca Adriano Lima.

### **Aprendizagem com descontração e companheirismo**

O que mais chama a atenção de quem toma conhecimento das oficinas de História para a ONHB é que a adesão dos alunos é totalmente voluntária e que não há qualquer promessa de vantagens àqueles que participam do projeto. Mesmo assim, mais de 120 estudantes enfrentaram o cansaço e se dispuseram a ficar um período a mais no campus – além das dez horas diárias que dedicam aos estudos – para analisar documentos e debater temas variados do passado brasileiro. “No início, alguns pais desconfiavam um pouco dos filhos quando diziam que iriam estudar História na sexta-feira à noite”, conta em tom de brincadeira o professor Adriano.

Foi este mesmo ambiente de descontração e de construção colaborativa do conhecimento científico que fez com que João Felipe Moraes e Michel Mesalira – dois ex-alunos do ensino médio integrado e finalistas da 5ª edição da ONHB – voltassem a participar das oficinas de História. Com o passar das fases, os dois tornaram-se importantes colaboradores nas reuniões noturnas com os “olímpicos”. “Eles se envolveram com a olimpíada deste ano como se estivessem inscritos, com a intenção sincera de contribuir com o grupo. Sem a inestimável ajuda destes alunos maravilhosos, certamente teríamos obtido resultado menos expressivo”, destaca Cristiane Grümme.

Durante as oficinas os alunos discutem acaloradamente a solução das questões, uma vez que a metodologia empregada pela comissão organizadora da ONHB prevê mais de uma possibilidade

de resposta correta. O grande desafio das provas, afirmam os alunos, é justamente conseguir matar a charada e descobrir qual das alternativas contém a maior pontuação. O espírito investigativo e a produção entusiasmada de argumentos tomam conta das reuniões e só permitem uma trégua porque o expediente do campus termina às dez e meia da noite.

### **Criando novos hábitos de estudo e desenvolvendo o relacionamento humano**

Mais que prepará-los para uma competição nacional de alto nível, as oficinas de História vêm promovendo mudanças significativas no comportamento e na forma de pensar destes jovens. Além de fomentar a transformação na aprendizagem da disciplina, os alunos são estimulados a utilizar procedimentos de pesquisas científicas, formular argumentos com consistência teórica e a compartilhar o resultado de seus esforços com os demaisicineiros. “Nossos professores costumam dizer que o campus possui uma única equipe, uma verdadeira família composta por 124 pessoas”, explica Josias Khül, da equipe Time Trekkers, referindo-se ao espírito de parceria e amizade criado no campus.

Esta concepção de ensino e aprendizagem permite às equipes finalistas ter a consciência de que sua convocação é fruto do trabalho de todos os envolvidos nas oficinas. “Não há rivalidade entre nós. Às vezes, ficamos tão envolvidos em solucionar os desafios da semana, que esquecemos que estamos participando de uma competição disputadíssima”, afirma Jeferson Polese, da equipe Trio. Helen Lyra, da equipe Trio Dinâmico, resume bem os efeitos promovidos pelas oficinas e pela ONHB nos alunos: “Mudei totalmente minha ideia sobre qualquer coisa que eu achava que fosse História. Se eu não tivesse participado das oficinas, teria ficado com a mesma antiga ideia sobre o que esta disciplina pode nos oferecer”.

“Muitos não fazem ideia do comprometimento e dos desafios que estes alunos enfrentaram nos últimos meses. Por isso, gostaríamos de parabenizar e agradecer publicamente o empenho e a dedicação de cada um dos envolvidos na olimpíada deste ano, especialmente aqueles que não poderão participar da fase presencial na Unicamp”, comentam Cristiane e Adriano.

Os dois acreditam que a participação na ONHB, ou em qualquer outra olimpíada de conhecimento, não deve estar pautada no estímulo à disputa ou à rivalidade, mas na cooperação entre os agentes envolvidos. Afirmam que o objetivo maior dos encontros é apresentar aos estudantes uma forma de se relacionar com o saber alternativa à oferecida pelos modelos educacionais hegemônicos. Primordialmente, buscam engendrar o desenvolvimento da autonomia intelectual de cada participante, propiciando níveis gradativos de elaboração do conhecimento que resultam em procedimentos válidos a qualquer disciplina escolar ou a situações extra-escolares de vida.

A ONHB, como é carinhosamente chamada, é uma empolgante competição que estimula a aprendizagem e a reflexão históricas por meio de desafios semanais. Ao longo das cinco fases eliminatórias – realizadas pela internet – cerca de 85% das equipes deixam a olimpíada, de acordo com a pontuação acumulada. Após este longo período de pesquisas para responder as perguntas e corrida contra o relógio para o cumprimento das tarefas, apenas 3% das equipes atingem a pontuação para participar da final presencial. Concebida e organizada por docentes e alunos do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, a última fase representa oportunidade ímpar para os alunos conhecerem uma das mais renomadas universidades do país.